

EXÍLIOS DO OLHAR

O Brasil de Lúcia Villar é imaginário.

Sorte a dela. Sorte a nossa, pois o Brasil que ela nos desvela é muito mais humano e feliz do que o Brasil que nos é dado ver habitualmente. Vivendo em Paris há mais de dez anos, Lúcia sucumbiu à doce ilusão que atinge todos os exilados: a de idealizar seu país.

O hemisfério norte tem se habituado a contemplar os países ao sul do equador, especialmente os integrantes do chamado terceiro mundo, com um olhar que soma em doses idênticas o fascínio pelo exotismo, a sensualidade e a beleza, e a repulsa (tingida por um tênue sentimento de culpa) pela miséria, a opressão política e as injustiças sociais — bem mais aparentes aqui do que na Europa ou nos Estados Unidos, não há como negar.

Nós temos hoje uma população igual a da França que vive em estado de pobreza quase absoluta, sem qualquer perspectiva de ver seu destino melhorar. E temos também uma casta de belíssimos seres praianos, surfistas atléticos que parecem ter desembarcado da Califórnia na véspera, e sereias semi-nuas capazes de ensandecer qualquer Ulysses. Sendo estas as facetas mais óbvias e pitorescas de nossa população, não é de se admirar que tenham sido elas as mais frequentemente exploradas pelos fotógrafos, quer sejam eles estrangeiros ou brasileiros.

É preciso muita sensibilidade, e real generosidade, para escapar das armadilhas destas pseudo-evidências e retratar os brasileiros esquecidos pela fotografia entre os limites extremos da penúria e do hedonismo, como o fez Lúcia Villar.

Meio francesa e irreversivelmente brasileira, ela encontra-se na mesma situação psicológica dos índios aculturados que estranham o primitivismo de suas antigas aldeias mas jamais conseguem integrar-se satisfatoriamente na civilização moderna. Este estado de espírito peculiar pode ser extremamente desconfortável do ponto de vista íntimo, projetando seu detentor em espasmos de melancolia e insatisfação, uma alternância eternamente indecisa entre a vontade de estar aqui e de estar ali. Para um criador entretanto, tal situação é a ideal, pois lhe dá a possibilidade de tudo ver, de tudo analisar, com sadio distanciamento, com o mesmo olhar profundamente cético e, apesar disto, totalmente apaixonado do místico que tem como meta atingir o estado iluminado no qual ele se encontra simultaneamente neste mundo e fora — ou acima — dele.

A relação de Lúcia com o Brasil é desta natureza. Quando ela vira as costas à bem organizada — em certo sentido, excessivamente bem organizada — sociedade francesa, para focalizar novamente seu país natal, ela oscila entre uma infinidade de sentimentos diversos, por vezes conflitantes. Vai da compassividade para a incredulidade, do envolvimento ao distanciamento, da reticência à exaltação, apresentando sempre uma visão justa, autêntica e pessoal do Brasil.

Para estabelecer esse inventário de tipos brasileiros (talvez fosse apropriado falar de humanário, assim como se fala de bestiário), Lúcia Villar optou por uma abordagem enganosamente simples, como a utilizada por August Sander para fotografar os alemães entre as duas grandes guerras. Quase todas suas fotografias são frontais, com um enquadramento voluntariamente despojado. Mas estamos aqui bem longe da visão racional e quase que antropológica de Sander, ou dos laivos de entomologista desesperado com o triste destino das criaturas que estuda de Diane Arbus, outra adepta desta frontalidade desarmante.

O que vemos nas fotografias de Lúcia Villar é uma relação antes de mais nada humana entre fotógrafo e retratado, uma entrega destituída de qualquer tensão, um reconhecer-se no outro que se assemelha à investigação maravilhada da criança que contempla, e acarícia, sua imagem no espelho.

Em meio aos muitos retratos, algumas imagens singulares situam esses personagens em seus habitats respectivos: velhos empórios com o madeirame corroído por gerações de insetos; palafitas que se mantêm de pé mais por teimosia do que por obediência às leis da física; bandeirinhas de festa sublinhando a fugacidade dos prazeres; amplos espaços abertos que parecem destinados a servir de palco para inusitadas revelações; e essa bruma de sonho a encobrir e proteger o acesso às outras dimensões. Impulsionado por um interesse genuíno pelo outro, seu trabalho oscila entre dois pontos básicos. De um lado, a exaltação da energia e da tenacidade deste povo que sabe transmutar a adversidade em felicidade. De outro lado, a indagação sussurrada e envergonhada, « que país é este? », a perplexidade sempre renovada diante da existência da pobreza num dos países mais favorecidos pela natureza em todo o mundo; o pasmo com nossa situação de Japão às avessas, de riqueza dilapidada e da infâmia institucionalizada.

O que mais me agrada neste livro, é constatar que Lúcia soube renegar o pessimismo e o derrotismo que envenenam atualmente a humanidade, para provar que ainda é possível sonhar o Brasil.

Pedro Vasquez